

Este livro se propõe plural e abrangente, cumprindo um papel político-social-acadêmico de divulgação e popularização de ciência e conhecimento, produzido por sujeitos comprometidos com o fazer ciência com responsabilidade, compromisso e competência em suas respectivas pesquisas e abordagens teóricas. A ideia, portanto, é que cada autor (solo ou em coautoria) contribua a partir de seu lugar de pesquisador com uma discussão crítica, reflexiva e problematizadora de caráter teórico sobre as teorias que constituem a ciência da linguagem, a Linguística.

FORMALISMO E FUNCIONALISMO

TEORIAS LINGUÍSTICAS (SEMPRE) EM CONFRONTO?

MARCOS DE FRANÇA
(ORGANIZADOR)



Marcos de França
(organizador)

**FORMALISMO E FUNCIONALISMO:
teorias linguísticas (sempre) em confronto?**

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2021

Copyright © da Editora CRV Ltda.

Editor-chefe: Railson Moura

Diagramação e Capa: Designers da Editora CRV

Arte da Capa: Pixabay

Revisão: Analista de Escrita e Artes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

F692

Formalismo e funcionalismo: teorias linguísticas (sempre) em confronto? / Marcos de França (organizador) – Curitiba : CRV, 2021.
176 p.

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-251-1483-5

ISBN Físico 978-65-251-1486-6

DOI 10.24824/978652511486.6

I. Linguística 2. Formalismo 3. Estruturalismo 4. Gerativismo I. França, Marcos de org.
II. Título III. Série.

CDU 81

CDD 410

Índice para catálogo sistemático

1. Linguística - 410

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL
EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2021

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial: Comitê Científico:

Aldira Guimarães Duarte Dominguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Frederico Dominguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerônimo Tello (Univer. Nacional
Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Élsio José Corá (UFFS)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade
de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade
de La Havana – Cuba)
Helmuth Krüger (UCP)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Afonso Cláudio Figueiredo (UFRJ)
Andre Acastro Egg (UNESPAR)
Andrea Aparecida Cavinato (USP)
Atilio Butturi (UFSC)
Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM)
Daniel de Mello Ferraz (UFES)
Deneval Siqueira de Azevedo Filho (Fairfield
University, FU, Estados Unidos)
Jane Borges (UFSCAR)
Janina Moquillaza Sanchez (UNICHRISTUS)
João Carlos de Souza Ribeiro (UFAC)
Joezer de Souza Mendonça (PUC-PR)
José Davison (IFPE)
José Nunes Fernandes (UNIRIO)
Luís Rodolfo Cabral (IFMA)
Patricia Araújo Vieira (UFC)
Rafael Mario Iorio Filho (ESTÁCIO/RJ)
Renata Fonseca Lima da Fonte (UNICAP)
Sebastião Marques Cardoso (UERN)
Simone Tiemi Hashiguti (UFU)
Valdecy de Oliveira Pontes (UFC)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF)
Zenaide Dias Teixeira (UEG)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
<i>Marcos de França</i>	
PREFÁCIO	13
<i>Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro</i>	
FORMALISMO E FUNCIONALISMO: (pontos de) convergências e divergências.....	15
<i>Germá Martins dos Santos</i> <i>Marcos de França</i>	
AS PRINCIPAIS CORRENTES LINGUÍSTICAS NA ABORDAGEM DA LÍNGUA(GEM) COMO OBJETO DE ESTUDO.....	27
<i>Flávia Nicaele Sousa Silva</i> <i>Sandra Maia Farias Vasconcelos</i>	
LÍNGUA E LINGUAGEM NUMA PERSPECTIVA FORMALISTA E FUNCIONALISTA	43
<i>Sara Nickaelly Aparecida de Sousa</i>	
O FORMALISMO E O FUNCIONALISMO: os caminhos teóricos da linguística.....	59
<i>Ruan Kelvin da Silva Santos</i>	
FORMALISMO X FUNCIONALISMO: as múltiplas correntes teóricas e seus olhares sobre a língua(gem)	77
<i>João Yure Santos Silva</i>	
FORMALISMO VERSUS FUNCIONALISMO NAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: além dos polos, “por entre” estruturas.....	95
<i>Eliabe Bezerra de Oliveira Silva</i> <i>Maria Elias Soares</i>	
UMA REVISÃO DOS PARADIGMAS FORMALISMO E FUNCIONALISMO NA PERSPECTIVA DAS TEORIAS DE ANÁLISE DE DISCURSO	111
<i>Maria Sabrina Ferreira Torres</i> <i>Sandra Maia Farias Vasconcelos</i>	

SANTOS, Z. B. F. A linguística sistêmico-funcional: algumas considerações. **SOLETRAS**, n. 28, jul./dez. 2014. Disponível em: www.epublicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/download/12994/1248. Acesso em: 20 jan. 2021.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

AS PRINCIPAIS CORRENTES LINGUÍSTICAS NA ABORDAGEM DA LÍNGUA(GEM) COMO OBJETO DE ESTUDO

*Flávia Nicaele Sousa Silva
Sandra Maia Farias Vasconcelos*

Língua é significante e significado, dois lados da mesma moeda. O ponto de partida metodológico não importa. Fica ao gosto de cada um. Mas se trabalharmos em consonância, certamente chegaremos a descobertas mais abrangentes e interessantes (KATO; CASTILHO, 1991).

Introdução

O presente capítulo tem como intuito refletir sobre a língua/linguagem, vista como objeto de estudo da Linguística, e apresentar as principais correntes linguísticas que dela emergiram para sustentar seu objeto de pesquisa. Propomos neste estudo também desenvolver uma discussão a respeito de dois polos centrais: *Formalismo* e *Funcionalismo* que abrangem as correntes teóricas/disciplinas relativas aos estudos da linguagem, como também as contribuições de cada uma dessas correntes para a nossa formação intelectual e teórica sobre a Linguística como ciência da linguagem, em especial ao longo do século XX.

Nessa mesma linha, objetivamos apresentar uma breve discussão acerca dessas duas principais correntes linguísticas, concernente à divisão paradigmática entre forma e função, buscando discutir os pontos divergentes e convergentes desses estudos. Assim, propomos fazer uma reflexão sobre as perspectivas de estudo de cada corrente, bem como traçar um cenário das principais abordagens linguísticas fundamentando-nos em elementos cronológicos.

A premissa discutida neste capítulo gira em torno das seguintes indagações: O que é Linguística? De que maneira essa disciplina/ciência se estrutura? Quais as principais teorias que a compõem? Quais os pontos divergentes e convergentes destes dois polos gerais mencionados? Com o intuito de compreender a relação destes debates com as principais correntes teóricas, buscamos, pois, nas reflexões deste capítulo, apresentar as contribuições das teorias discutidas para a formação intelectual dos leitores, estudantes e demais interessados nos temas da área da Linguística, ciência que entende a língua/linguagem como seu objeto de estudo.

Compreender como a Linguística se estrutura, as áreas que a compõem, suas teorias e os pontos contrastantes com relação ao seu objeto de estudo – a língua – são aspectos necessários para entender a área como ciência. Dessa forma, procuramos

aqui apresentar o cenário das duas abordagens, formalismo x funcionalismo, pois elas são pertinentes para que possamos entender em que pontos essas correntes se aproximam e/ou se distanciam. Esperamos ao final deste trabalho instigar pesquisadores e acadêmicos à reflexão acerca do objeto de estudo da Linguística.

Breves considerações a respeito do percurso linguístico

Os estudos da linguagem não têm início no século XX, porém escolhemos esse recorte, tendo em vista que no início do século XX, a Linguística passou a ser considerada como ciência com a publicação do livro *Curso de Linguística Geral* (CLG) que contém as ideias desenvolvidas por Ferdinand de Saussure. O livro foi organizado após a sua morte, em 1913, por Charles Bally e Albert Sechehay, alunos de Saussure, a partir de três cursos ministrados por Saussure, na Universidade de Genebra. O material defendia um estudo sincrônico das línguas, diferente dos estudos desenvolvidos até então que estavam relacionados ao método histórico-comparativo. Muita polêmica se pôs na Europa em torno de tal publicação. Para Normand (2007, p. 2),

Cada geração de leitores produziu, e continua produzindo, seu modo preferencial de leitura, marcado pelo contexto intelectual da época, tanto que seria possível fazer a história do pensamento saussuriano, assim como a de suas interpretações, ao longo de um século.

O que temos hoje é um aceite generalizado do pensamento de Saussure como teórico que considerava a língua como sistema e que desenvolveu, desse modo, estudos voltados para as dicotomias, que são os pilares que norteiam a sua teoria. As principais dicotomias saussureanas são observadas nas dualidades, a saber: língua x fala, diacronia x sincronia, paradigma x sintagma, significado x significante, forma x substância e motivado x arbitrário (SAUSSURE, 2006). Na obra em questão, o CLG, não há sinais de um direcionamento do genebrino sobre estudos do uso da língua, tendo esta obra retratado apenas o estudo da língua como sistema, como estrutura; é possível, no entanto, prever em alguns momentos da obra alguns estreitos comentários sobre a fala como prática social (OLIVEIRA, 2016). Mas seria necessário ir buscar os manuscritos de Saussure para um aprofundamento sobre suas ideias, o que não é nosso objetivo neste trabalho.

Retomamos, deste modo que Saussure, como precursor do Estruturalismo na Europa, define a língua como: “[...] um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17). Assim, entende-se a língua constituída da organização de elementos por meio de leis internas que a estruturam. O linguista se utiliza da analogia ao jogo de xadrez para fazer uma associação aos jogos linguísticos que se manifestam através da língua. O estudo da língua, para Saussure, apresenta-se de forma imanente, como uma das implicações norteadoras do Estruturalismo. Logo, o seu objeto de estudo é a língua considerada como social, relacionada à psique, conforme apresenta Saussure (2006, p. 21):

Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiremos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela *prática da fala* em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa existe de modo completo. [...] A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para atividade de classificação (grifo nosso).

A Linguística moderna também é composta de um Estruturalismo de vertente norte-americana, chamado de distribucionalismo ou linguística distribucional fundada por Leonard Bloomfield, nos Estados Unidos, na década de 1950. Costa (2009, p. 123) discute que o objetivo da teoria formulada por Bloomfield seria: “[...]a elaboração de um sistema de conceitos aplicáveis à descrição sincrônica de qualquer língua” definindo alguns pressupostos com relação à língua, entre eles: uma estrutura específica, uma estruturação de três níveis, a descrição das línguas para seguir critérios, como da unidade associada à função. Bloomfield vai buscar nas bases da psicologia behaviorista um modelo para explicar o comportamento linguístico. Na perspectiva de Martelotta (2009, p. 124),

Essa postura mecanicista da linguística de Bloomfield apoia-se na psicologia behaviorista fortemente difundida nos Estados Unidos a partir de 1920, que tem Skinner como um de seus maiores teóricos. Ao tomar o próprio comportamento como objeto de estudo da psicologia, e não como indicador de alguma outra coisa que se expresse por ele ou através dele, o behaviorismo rompe com a compreensão de que as impressões, criadas na mente do homem pelos objetos e eventos, geram seu comportamento.

Para Saussure, a língua apresenta caráter homogêneo, imutável, estático e isolado, isto é, não seria feito um recorte histórico para a análise de línguas, pois com base no estudo sincrônico, desconsideram-se os aspectos extralinguísticos e contextuais. O que rompe também com o behaviorismo.

Bakhtin foi um dos autores que propôs reflexões divergentes à proposta de Saussure, discutidas na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, o autor apresenta duas correntes do pensamento linguístico-filosófico: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Segundo Bakhtin, em se tratando de filosofia da linguagem, as divisões metodológicas da Linguística Geral colocam os indivíduos em duas orientações principais no que diz respeito à resolução de problemas, a saber, no que se trata de *isolar e delimitar a linguagem como objeto de estudo específico* (2009, p. 74). Dando continuidade a suas ideias, Bakhtin argumenta que

Isto acarreta, por suposto, uma distinção radical entre duas orientações para todas as demais questões que se colocam em linguística. Chamaremos a primeira de orientação do “subjetivismo idealista” e a segunda de “objetivismo abstrato”. A

primeira tendência interessa-se pelo fato, pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua (no sentido de toda atividade de linguagem sem exceção). O psiquismo individual constitui a fonte da língua. [...] A língua é, deste ponto de vista, análoga às outras manifestações ideológicas, em particular às do domínio da arte da estética (BAKHTIN, 2009, p. 74).

Essa percepção de Bakhtin já se distancia da visão saussuriana por dotar o homem de uma autenticidade responsiva que o ato de fala lhe concede: a subjetividade. O homem de Saussure não existe, não existe sujeito em Saussure, o que existe é um sistema ao qual todos os falantes devem se submeter. Logo, não existe individualidade nem imanência. Bakhtin continua:

Passemos à definição da segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico. Segundo esta tendência, o centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz dela o objeto de uma ciência bem-definida, situa-se, ao contrário, no *sistema linguístico*, a saber o sistema das formas fonéticas gramaticais e lexicais da língua (BAKHTIN, 2009, p. 74, grifos do autor).

Com o desenvolvimento da Linguística e os surgimentos de novas pesquisas, alguns teóricos encontraram nas bases saussurianas um modo de aprimorar os conhecimentos linguísticos e lançarem novas propostas, como foi o caso dos estudiosos Mikhail Bakhtin e Noam Chomsky. Bakhtin/Volochinov na obra, *Marxismo e filosofia da linguagem* – MFL (2010), apresentam inúmeras críticas ao objetivismo abstrato de Saussure, ao estudo sincrônico e à forma de entender a língua, sem deixar de apontar as contribuições dos estudos saussurianos para a Linguística.

Para Bakhtin/Volochinov, em MFL, há duas orientações do pensamento filosófico linguístico, como mencionado anteriormente: o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista. O objetivismo abstrato, atribuído ao estudo proposto por Saussure, interessa-se pelos fatos da língua relacionados ao sistema gramatical, lexical e fonético. E o subjetivismo idealista enxerga a língua levando em consideração as manifestações ideológicas. Essa tendência, por sua vez, interessa-se pela criação individual e pelos atos de fala. O objetivo deste capítulo não é discutir profundamente tais noções, mas apresentá-las ao leitor para melhor compreensão e situá-lo nas discussões sobre a língua (formas de estudos, métodos e concepções de linguagem), que sofreram uma ruptura após os estudos propostos pelo Círculo de Praga.

Assim, Bakhtin e o Círculo com seus escritos rompem com a ideia defendida por Saussure quanto à forma de entender a língua, diferente do método até então utilizado pelo modelo histórico-comparativo. Esses estudiosos em alguns artigos e obras apontam posicionamentos contrários, sem deixar de mencionar as contribuições da teoria linguística de Saussure para os estudos linguísticos. De acordo com a perspectiva defendida por Bakhtin/Volochinov, nos estudos empreendidos por França (2019, p. 82),

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta e não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual

dos falantes, como postula Saussure. Ao assumir tal postura, os autores formulam algumas proposições que expressam seu ponto de vista. Uma das proposições é não conceber a língua como um sistema estável de formas normativamente idênticas, pois, concebê-la assim, é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração, portanto, não dá conta da maneira adequada da realidade concreta da língua.

O que entendemos das considerações de França, com as quais concordamos, é que a língua, assim como a fala, evolui com a história do mundo, das populações, uma vez que somente na comunicação a língua é vivenciada.

Outra abordagem das correntes teóricas destes estudos é o Gerativismo ou linguística gerativa, fundada no final da década de 1950, com a publicação do livro *Estruturas sintáticas*, de Noam Chomsky, nos Estados Unidos. Esta abordagem linguística foi formulada como uma rejeição ao modelo behaviorista, propondo que a linguagem é uma faculdade mental humana e aponta a criatividade como característica que distingue os animais dos seres humanos, devido ao comportamento linguístico que o ser humano possui. Assim, o papel do gerativismo “[...] é constituir um modelo teórico capaz de descrever e explicar a natureza e o funcionamento dessa faculdade, o que significa procurar compreender um dos aspectos mais importantes da mente humana” (CHOMSKY, 1980).

Para o modelo gerativista, o seu objeto de análise seria a competência linguística do falante, pois as línguas passam a ser analisadas a partir de então como uma faculdade mental natural e não como um comportamento condicionado, segundo o modelo behaviorista. Nas décadas seguintes de 1960 e 1970, o modelo gerativista desenvolveu a gramática como um sistema de regras, chamada gramática transformacional, que tinha como intuito descrever os elementos das sentenças, como eram formados e como se transformam através da aplicação dessas regras. Essa estrutura que os gerativistas utilizavam para representar a gramática do ponto de vista sintático é conhecida como *diagrama arbóreo*, mas que não desenvolveremos aqui por não ser objeto deste capítulo (Conf. CHOMSKY, 1980).

Há alguns pontos em que os estudos de Saussure e Chomsky se opõem, como já vimos, mas é importante considerar também os elementos que os aproximam. Nos estudos de Cortez (2011, p. 64), podemos observar que

[...] uma aproximação entre Saussure e Chomsky em relação à distinção *langue/parole* e *competência/performance*. Entretanto, ao passo que Saussure apresenta uma visão de língua como estrutura, um “inventário sistemático de itens” (CHOMSKY, 1975), um fato social; Chomsky concebe a língua como um sistema de representação mental e aponta a natureza criativa da competência.

Mas, retomando os pontos de divergência entre os dois teóricos (Saussure e Chomsky), Cortez remete-se ao fato de que “Saussure observava a Linguística como parte da semiologia, relacionada à psicologia social”, enquanto Chomsky, ao valorizar em seus estudos os aspectos cognitivos da linguagem, deu vazão à psicologia cognitiva ao analisar as questões da linguística da língua.

Formalismo x Funcionalismo: os principais paradigmas da linguística moderna

O Formalismo identifica-se com as teorias/estudos do Estruturalismo e Gerativismo pois nelas são apresentados os princípios norteadores para entender as bases teóricas da Linguística como ciência. Na obra *Manual de linguística* (2009), organizado por Martelotta, os autores apontam a Linguística como ciência, sendo uma capacidade eminentemente humana composta por um conjunto de características, algumas delas são: a) uma técnica articulatória, b) uma base neurobiológica, c) uma base cognitiva, d) uma base sociocultural e e) uma base comunicativa (MARTELOTTA, 2009). Desse modo, a conceituação feita pelo autor, ainda que introdutória, sobre a Linguística é necessária para elucidar algumas considerações importantes no que se refere às denominações dadas à referida ciência. Conforme Martelotta (2009, p. 21),

A linguística tem como objeto de estudo a linguagem humana através da observação de sua manifestação oral ou escrita (ou gestual, no caso da língua de sinais). Seu objetivo final é depreender os princípios fundamentais que regem essa capacidade exclusivamente humana de expressão por meio de línguas. Para atingir esse objetivo, os linguistas analisam como as línguas naturais se estruturam e funcionam. A investigação de diferentes aspectos das diversas línguas do mundo é o procedimento seguido para detectar as características da faculdade da linguagem: o que há de universal e inato, o que há de cultural e adquirido, entre outras coisas.

Nas décadas seguintes, especificamente na década de 1960, teve início o percurso sociolinguístico nos Estados Unidos, com o linguista William Labov. A Sociolinguística é uma área que estuda a língua em uso real, a partir da relação *linguagem e sociedade*. Parte dos princípios de que as línguas variam e sofrem mudanças que acontecem de forma gradual, por isso cabe ao linguista estudar as variações presentes numa comunidade de fala e os contextos em que estão inseridos. Segundo Cezario e Votre (2009), a variação linguística acontece de três tipos: a) variação regional, b) variação social c) variação de registro. Entende-se a língua, nessa corrente teórica, como “[...] uma estrutura maleável, que apresenta variações, mas há muitos elementos gramaticais, fonéticos e lexicais que são comuns às variedades de uma língua. Nem tudo é variação, havendo um número enorme de elementos comuns que são estáveis” (CEZARIO; VOTRE, 2009, p. 146).

As abordagens funcionalistas que se referem à sociolinguística apresentam a língua numa perspectiva diferente, se opondo ao modelo gerativista, as abordagens funcionalistas entendem a língua a partir das relações socioculturais, ou seja, a forma associa-se à função a depender da situação comunicativa (contexto), assim essa perspectiva opõe-se ao modelo gerativista aliado à visão formalista, que compreende a língua como um fenômeno mental deixando de lado o contexto/situação comunicativa (CORTEZ, 2011).

Os estudos de Paveau e Sarfati (2006) mostram a Linguística textual (LT), a Análise do Discurso (AD) e a Semântica dos textos como áreas agrupadas com

a etiqueta *linguísticas discursivas*. Cada uma delas constituída de seus objetos de estudo, respectivamente, a LT com o texto, a AD com o discurso e a semântica com o significado, objetos de estudo das três sendo sempre o texto, verbal ou não verbal, porém em uma abordagem distinta especialmente da LT, que investiga o conjunto das restrições genéricas e discursivas. Para nossa discussão neste trabalho, trataremos apenas das duas primeiras correntes citadas (LT e AD), tendo em vista o objeto de estudo que nos interessa na discussão.

A Linguística Textual desenvolveu-se na Europa, no século XX, especificamente na década de 1960, o seu objeto de análise é o texto. Trata-se de uma abordagem recente, que tem como intuito compreender as relações textuais das menores unidades (palavra, frase ou período) com o objetivo de superar o tratamento linguístico à abordagem sincrônica defendida por Saussure. A corrente linguística desenvolve-se no Brasil com os estudos de Ingedore Koch. As duas principais propriedades para o estabelecimento da textualidade atribuída neste estudo são a coesão e a coerência.

Nos anos 1960, surge na França outra corrente teórica, advinda do marxismo e da psicanálise, a Análise do Discurso, com a publicação do artigo *Análise Automática do Discurso* (ADD-69), por Michel Pêcheux e seu grupo de estudiosos. A Análise do Discurso francesa propõe uma nova forma de leitura dos textos que se opunha à tradicional, uma vez que

[...] oferece uma proposta de leitura (interpretação/compreensão) que proporciona a formação de um leitor crítico, posto que ela propõe uma interpretação/compreensão do discurso e não apenas da superfície, do conteúdo do texto (FRANÇA, 2013, p. 60).

É o que se pode compreender como leitura de fundo, não só de forma, visto que para Pêcheux (2002), a linguagem se constituía como efeito de sentido entre interlocutores em uma situação histórica precisa, o que constituía por sua vez o que ele chamou de Formação Discursiva.

Assim, a concepção de linguagem para a AD se dá por meio da relação entre o homem e sua realidade (retornamos à relação entre linguagem e sociedade), a linguagem, nesta perspectiva, entendida como: “[...] lugar de conflito e confronto ideológico” (ORLANDI, 2010) deve ser estudada levando em consideração o contexto social, pois os processos linguísticos se constituem por meio da história e da sociedade. Por isso, entende-se a forte relação entre conceitos e categorias advindos de outras áreas que compõem a AD, a saber: a História, a Psicanálise e a Linguística. Conforme ressalta França (2013, p. 62),

AD, enfim, é esta disciplina que nasceu sob o signo de interdisciplinaridade e que se debruça sobre o discurso como objeto de análise, em suas diversas formas de expressão. Neste sentido, propõe-se uma teoria do discurso. Um mecanismo de leitura que procura abarcar a totalidade do texto, posto que tenha início, meio e fim, mas o discurso que o constitui, por natureza, é sempre incompleto.

Considerando que, ainda que brevemente, apresentamos a AD de linha francesa, seria pertinente mencionar, mesmo sem aprofundamento, as outras duas linhas teóricas

da AD: a Análise do Discurso Crítica (ADC) e a Análise do Discurso Dialógica (ADD) que fazem parte do polo funcionalista. A Análise do Discurso Crítica nasce dos limites da Linguística, surge na Inglaterra, com intuito de abordar as implicações relacionadas à realidade social de modo profundo e contemporâneo, advindos das discussões de Chouliaraki e Fairclough. A luta social, nesse sentido, é entendida como uma complexa teia de variáveis, que envolvem três questões essenciais, que não são necessariamente do discurso, mas que estão embrenhadas no discurso, segundo Magalhães (2017, p. 38):

- A primeira diz respeito aos participantes, aos aspectos sociais e políticos, ao poder, à ideologia e aos recursos materiais e simbólicos;
- A segunda é que, mesmo considerando que essas variáveis não ocorram a partir do discurso, como vimos, também não podem ser resumidas ao discurso;
- A terceira questão é que o discurso possui dinâmica própria que, de uma maneira ou de outra, atinge as diversas variáveis manifestadas na luta social, e pode acarretar acima de tudo uma contribuição determinante à manifestação e ao sucesso dessa luta.

A Análise do Discurso Dialógica surge das noções de dialogismo propostas por Bakhtin e o Círculo (das ideias defendidas a respeito da filosofia da linguagem). Por isso, a ADD tem base no marxismo e apresenta a premissa de que a linguagem não é neutra, mas sim dotada de ideologia. A noção sobre conceitos como dialogismo, autoria, ideologia, sujeito e enunciado sofrem algumas alterações no que se refere às outras linhas teóricas, cada uma seguindo a linha de teóricos e seus pressupostos. Assim, conforme Costa (2015, p. 13),

A noção bakhtiniana de gênero opera igualmente uma revolução copernicana nos estudos do discurso. Ela contribui para relativizar qualquer consideração sobre os enunciados, qualquer que seja o aspecto, pragmático, semântico, gramatical ou estilístico. A partir dessa noção, qualquer questionamento sobre a realidade linguística não pode se dissociar da pergunta sobre em qual gênero ela aparece. Por fim, mostramos que o dialogismo deriva de uma diversidade de conceitos e pressupostos no campo dos estudos discursivos que praticamente se tornaram lugares comuns: heterogeneidade, intertextualidade, interdiscursividade, polifonia, etc.

Consideramos pertinente a percepção de Costa de que estes conceitos – heterogeneidade, intertextualidade, interdiscursividade, polifonia – muitas vezes se redefinem e, à medida que se redefinem, modificam todo o conjunto de estudos que se realizam sobre discurso e sobre discursividade.

A concepção de linguagem pela perspectiva formalista e funcionalista

Tendo em vista a concepção de língua para cada paradigma dos estudos linguísticos, é necessário fazer uma sistematização acerca da linguagem para identificar como se relacionam os métodos rigorosos e as teorias linguísticas, buscando entender

como funciona o estudo científico da linguagem. Inicialmente, busca-se identificar os enunciados falados e escritos, depois esses enunciados devem ser investigados tendo em vista as teorias linguísticas que os correspondem, pois a Linguística apresenta caráter empírico com base em métodos de investigação científicos. Em contraste, com as correntes que correspondem ao formalismo, apresenta-se a corrente teórica funcionalista que se preocupa em estudar a funcionalidade da língua, ou seja, a relação da estrutura gramatical da língua com os diversos contextos comunicativos.

De acordo com os preceitos funcionalistas, a linguagem é entendida como instrumento de interação social, com base na relação entre linguagem e sociedade. Tendo em vista esse entendimento, o interesse de pesquisa vai além da estrutura gramatical, mas leva em conta o estudo da situação comunicativa e a motivação de uso de seus falantes. Em razão disso, de acordo com os estudos de Cunha (2009, p. 158), o funcionalismo tem como objetivo especialmente “trabalhar com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato de comunicação”. Corroborando com essa ideia, Trindade (2014, p. 104) defende que

[...] no paradigma funcionalista, a expressão linguística, ou a língua em si, é considerada como instrumento de interação entre os indivíduos. Ela medeia a relação entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte.

Assim, o funcionalismo é uma corrente que se coloca em oposição às correntes formalistas como o estruturalismo e o gerativismo, preocupando-se com o objeto de estudo, a *língua*, em seus usos/funcionalidades. Há duas vertentes do Funcionalismo: o europeu da Escola de Praga e o funcionalismo norte-americano tendo como precursor Dwight Bolinger com o estudo sobre a pragmática e a ordenação das palavras. A corrente funcionalista apresenta um conjunto de princípios e categorias, a saber: a informatividade, a iconicidade, a marcação, a transitividade e o plano discursivo e a gramaticalização (CUNHA, 2009).

O funcionalismo europeu tem como membros alunos da Escola de Praga, fundada em 1926, pelo linguista Vilém Mathesius. Os linguistas do círculo eram contrários a noção de homogeneidade e da dicotomia *sincronia x diacronia* rompendo com as implicações que apontava e defendia Saussure, conforme aponta Cortez (2011) “Para o funcionalismo o foco reside no que se denominou *parole/performance* nas outras abordagens, por se considerar este nível o lugar onde a língua é adquirida e onde a gramática emerge e se modifica”. O objetivo de estudo dos funcionalistas eram os usos linguísticos entendendo as funções atribuídas por eles, tendo em vista os pressupostos teóricos do funcionalismo. Já segundo a concepção de gramática para os funcionalistas norte-americanos, conforme afirma Cunha (2009, p. 164),

Considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exhibe padrões morfosintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes.

Isso implica dizer que o uso é o maior influenciador das modificações geradas na língua, ou seja, muda a língua, mudam-se as regras da gramática. O uso da língua, ao contrário do que defendem os estruturalistas, faz a língua variar e se modificar e, como defende Cunha (2009, p. 164), “É necessário observar a língua como ela é falada. Nesse sentido, a análise dos processos de variação e mudança linguística constitui uma das áreas de interesse privilegiado da linguística funcional.”

O funcionalismo norte-americano, portanto, foi desenvolvido em paralelo com o estruturalismo norte-americano, tendo como influência as contribuições de teóricos como Sapir, Whorf e Franz Boas. Havia ainda um predomínio sobre as teorias chamadas formais que contrastavam com os fenômenos estudados que se dedicavam aos estruturalistas e gerativistas. Logo, a abordagem funcionalista enfatiza alguns princípios opostos ao Estruturalismo como o princípio da arbitrariedade e iconicidade (CUNHA, 2009).

As teorias linguísticas apresentadas desde o Estruturalismo em Saussure ao percurso funcionalista apresentam um conjunto de transformações/reformulações que as correntes sofreram ao longo dos anos, bem como as contribuições de cada uma para o desenvolvimento da Linguística como ciência. Essas reformulações têm como objetivo atender às necessidades da língua de acordo com o conhecimento teórico da época, no que se refere ao objeto de estudo.

No livro *Os (inter)discursos na formação docente de letras*, de autoria de Marcos de França, identificamos algumas discussões sobre o Formalismo e o Funcionalismo, que se entende a língua(gem) como objeto de estudo de ambas as correntes linguísticas, afirmando os pontos distintos e semelhantes entre essas duas correntes. Tendo como referência os estudos de Castilho, o autor aponta que as abordagens do Estruturalismo e do Gerativismo constituem a primeira grande corrente dos estudos linguísticos: o Formalismo. Com relação à segunda grande corrente dos estudos linguísticos,

O funcionalismo, por sua vez, é uma corrente linguística que tem como foco estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas, ou seja, se busca compreender a língua no seu uso, se alinhando, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seus interesses vão além da investigação linguística da estrutura gramatical, buscando uma situação comunicativa real, concreta (FRANÇA, 2019, p. 71).

Após essas noções, entende-se que o que difere essas duas correntes dos estudos linguísticos, a princípio, é o modo como o objeto de estudo é entendido em cada uma delas, no caso a língua, com base a relação concreta entre linguagem e sociedade apresentada em diversas correntes linguísticas/disciplinas que compõem o Funcionalismo, a saber, algumas delas: a Sociolinguística e a Análise do Discurso (AD, ADC, ADD) que tratam dessa relação e entendem a língua em seu uso (movimento).

Logo, a Linguística se constitui na modernidade como ciência da linguagem. O livro *Linguística? O que é isso?* (2013), de autoria de José Luiz Fiorin, é apresentado como um manual de caráter introdutório sobre a área. Nele são apresentados alguns conceitos importantes para a discussão deste capítulo, retomando a indagação inicial

proposta, a respeito da conceituação da Linguística e como ela se estrutura. Segundo Fiorin (2013, p. 25),

A Linguística é uma ciência, porque ela, ao contrário da gramática, não se pretende normativa (não tem por finalidade prescrever como se deve dizer), mas se quer descritiva e explicativa (tem por objetivo dizer o que a língua é e por que é assim). Assim como um químico não diz que uma reação é certa ou errada, um biólogo não declara que determinada espécie não deveria existir ou que ela é feia, um astrônomo não classifica os corpos celestes em bons e maus, um linguista não condena certas maneiras de falar, não as declarou inexistentes, não prescreve como se deve falar, mas procura descrever e explicar as construções, as formas.

Ainda segundo Fiorin (2013), com relação aos objetos de estudo da Linguística, é relevante mencionar qual a finalidade da área e como seus objetos se constituem, conforme o autor apresenta:

A Linguística tem por finalidade elucidar o funcionamento da linguagem humana, descrevendo e explicando a estrutura e o uso das diferentes línguas faladas no mundo. Esse é seu objeto empírico. No entanto, o objeto empírico é diferente dos objetos observacionais e teóricos. O objeto observacional é a “região” do objeto empírico que será objeto de estudo. Sendo ele delimitado, estabelecem-se entidades básicas, a partir das quais serão atribuídas propriedades aos fenômenos pertencentes ao campo de análise, e serão determinadas relações entre eles. O objeto observacional converte-se então em objeto teórico (FIORIN, 2013, p. 30).

Dessa forma, o objeto de estudo da Linguística, a *língua*, se estrutura através de propriedades que se associam e se distribuem, constituída de um sistema de regras que regem o seu funcionamento, a norma-padrão, tida como um modelo ideal imposto (FARACO, 2008), que diverge do que é praticado pelos falantes do português brasileiro. As principais teorias que compõem a Linguística pautam-se nas duas correntes apresentadas: Formalismo x Funcionalismo que englobam as subcorrentes e assim constituem as demais teorias relacionadas a essas grandes áreas.

Um ponto de distinção entre essas correntes Formalismo e Funcionalismo é a concepção de língua para cada corrente linguística. Para a perspectiva formalista, a língua está associada a uma competência, isto é, uma capacidade de compreender orações; já para a perspectiva funcionalista, a língua é vista como uma competência comunicativa de interação, conforme apresenta França (2019). Com relação à concepção de língua na perspectiva formalista e funcionalista, tem-se a seguinte distinção

Para o formalismo, “A língua é um conjunto de orações, cujo correlato psicológico é a competência, isto é, a capacidade de produzir, interpretar e julgar a gramaticalidade das orações. Já para o funcionalismo, “A língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem”. Sendo assim, os diferentes enfoques de pesquisas linguísticas dessas duas correntes incluem ou excluem determinadas categorias (FRANÇA, 2019, p. 73).

De acordo com Dik (1997), toda expressão linguística tem uma intenção comunicativa. O falante sempre procura modificar no destinatário a sua informação pragmática, a fim de ser compreendido a partir de sua própria percepção. Essa compreensão esclarece a linha demarcatória entre forma e conteúdo, forma e fundo, língua e fala, formalismo e funcionalismo e permite compreender que o sujeito é agente em sua comunicação e modifica a comunicação a depender de suas intenções no seu discurso. Um exemplo corrente poderia ser trazido aqui como o uso do “né” em língua portuguesa brasileira, não mais como uma interrogativa, “não é?”, mas como uma interjeição ou como uma pausa prosódica.

Apesar de as correntes formalista e funcionalista serem apontadas em polos contrários e tidas como opostas, é justamente pelo seu caráter de contraste e de suas características que elas se completam, assim como o surgimento de outras correntes linguísticas, em que sugere-se que uma acaba por identificar pontos esquecidos ou deixados de lado por outra, assim, uma complementa a outra.

A distinção entre forma e função acaba por nos situar em dois grandes paradigmas dessas correntes apresentadas, percebe-se que até mesmo nos dois eixos que constituem o Formalismo, identifica-se uma série de diferenças quanto à abordagem de cada uma. Oliveira (2003) em seu artigo *Formalismo x Funcionalismo: abordagens excludentes?* apresenta um quadro-resumo entre as diferenças de cada uma dessas correntes, com base nas distinções apontadas por Dillinger (1991):

Observa-se, a partir desse quadro, que tanto funcionalismo como formalismo tratam do mesmo fenômeno: a língua. Contudo, a forma como veem esse fenômeno é distinta, o que implica o uso de metodologias distintas no estudo desse fenômeno. Por essa razão, afirmar que um paradigma é melhor do que outro não faz sentido apesar de objeto observacional de ambas ser, o mesmo i.e., os fenômenos linguísticos, o objeto teórico do funcionalismo são diferentes do objeto teórico do formalismo. Dito de outra forma: funcionalismo e formalismo não podem ser comparados nem vistos como alternativos (OLIVEIRA, 2003, p. 98).

Assim como a concepção de língua é distinta entre ambas as correntes, a concepção de gramática também se difere. De uma maneira geral, as abordagens formalistas de gramática remetem ao estudo das características internas da língua, enfatizando a sentença, onde a sintaxe é autônoma e as relações entre língua e contexto não são observadas. Por outro lado, as correntes funcionalistas observam a língua como um sistema não autônomo, sempre em relação com contexto, situação e participantes. O foco é estabelecido nas relações entre os componentes sintáticos e componentes semânticos, discursivos e pragmáticos (OLIVEIRA, 2003).

Há entre os estudiosos dessas correntes muitos conflitos, por isso, originalmente temos a divisão das correntes entre dois grandes polos, por vezes semelhantes e por vezes distintos. Oliveira (2003) ressalta em seu artigo a reflexão quanto ao termo dicotomia, empregado principalmente na área da Linguística, considerando essa divisão entre duas partes sendo essencial para união de forças, assim os fenômenos linguísticos entre forma e função são classificados por ele como “fatias da mesma torta”.

Considerações finais

O intuito deste capítulo é discorrer a respeito de seu objeto de estudo da Linguística – a língua. Entendendo a Linguística como uma ciência da linguagem, buscamos responder como a Linguística se constituiu, se estrutura e quais as correntes que a compõem para situar o leitor (acadêmico de Letras ou não) das principais características que estruturam essa ciência.

Fizemos um apanhado dos principais estudos da linguagem que são contrários em alguns aspectos e semelhantes em outros. Algumas propostas teóricas apresentam falhas, portanto, não existe uma corrente melhor do que as outras, no entanto cada uma apresenta uma riqueza necessária e contribui para os fundamentos teóricos da grande área. Partimos de Saussure, as reflexões de Bakhtin, da corrente teórica Gerativista com Chomsky até os estudos discursivos à luz da Análise do Discurso.

Cada teórico ou estudioso buscou em seus postulados aprimorar a proposta dos estudos anteriores procurando atender às necessidades da língua e de seus falantes. Há ainda muito a ser investigado e pesquisado, algumas questões foram ampliadas e novas teorias surgiram, a maioria das propostas apresentadas divergem quanto a forma de encarar o seu objeto de estudo, por isso os conceitos e teorias vão sendo reformuladas, criticadas e aprofundadas com o intuito de preencher as lacunas deixadas por outros estudos.

Debates no que se refere à língua são necessários para o conhecimento de seus falantes, pois é através dela que identificamos a história de um povo, sua cultura, seus costumes e sua identidade. Cada uma das propostas teóricas apresentadas é enriquecedora a seu modo contribuindo para os estudos das teorias linguísticas, sendo de extrema relevância tais discussões e reflexões críticas sobre a temática.

As reflexões levantadas por cada um dos teóricos desde a metade do século XX até as propostas na contemporaneidade são muito estudadas e refutadas. Na graduação em Letras, boa parte desses conceitos são utilizados como aporte teórico das disciplinas relacionadas à Linguística. A influência de Saussure nos estudos linguísticos retoma a importância dos estudos sincrônicos para que a partir dele conhecemos também a crítica bakhtiniana que rompe com parte de seus posicionamentos. Ademais, salientamos as contribuições e acertos da teoria saussuriana que serviu de suporte para outros estudos teóricos.

De modo geral, foi apresentado um breve percurso das principais teorias linguísticas que englobam o Formalismo x Funcionalismo, seus pontos convergentes e divergentes, bem como o ponto de encontro desses dois polos. Outras abordagens linguísticas foram discutidas como a Sociolinguística, a Linguística textual, enunciativa, pragmática, a Análise do Discurso, a Análise do Discurso Crítica e demais correntes teóricas que atribuem valor e relevância aos estudos linguísticos são mencionadas neste capítulo como conjunto que constitui a(s) Linguística(s).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CORTEZ, Cinara Monteiro. Formalismo x funcionalismo: abordagens excludentes? **Revista Percursos linguísticos**. Vitória, ES. v. 1, n. 1, p. 57-77, 2011.
- COSTA, Nelson Barros da. Dialogismo e análise do discurso – alguns efeitos do pensamento bakhtiniano nos estudos do discurso. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 321-335, maio/ago. 2015.
- CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- DIK, Simon. **The Theory of Functional Grammar**, ed by HENGEVELD (Kess). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997. v. 1.
- FARACO, Carlos Alberto. A questão da língua: revisitando Alencar, Machado de Assis e cercanias. *In*: FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008. p. 109-130.
- FIORIN, José Luiz (org.). **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.
- FRANÇA, J. M. E. S. Concepções de língua, linguagem, gramática e ensino de língua portuguesa. *In*: **Os (inter)discursos na formação docente em letras**. Curitiba: Appris, 2019. p. 69-119.
- FRANÇA, José Marcos de. Análise do discurso: Origens, filiações teóricas e dispositivos de interpretação. *In*: FRANÇA, José Marcos de (org.). **Estudos linguísticos e ensino de língua**: abordagens. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p. 57-71.
- KATO, M. A. Formas de funcionalismo na sintaxe. **DELTA**, São Paulo, v. 14, spe, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300011. Acesso em: 05 fev. 2021.
- MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. ADC: teoria e método na luta social. *In*: **Análise de discurso crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora UnB, 2017. p. 37-60.
- MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2009.

- NORMAND, Claudine. **Saussure**: une épistémologie de la linguistique. Séoul: Atas de Colóquio, Tradução: Daniel Costa da Silva, 2007.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. Formalismo x funcionalismo: fatia da mesma torta. **Revista Sitientibus**. Feira de Santana, BA. n. 29, p. 95-104, jul./dez. 2003.
- OLIVEIRA, Thiago Soares de. Língua e prática social: o posicionamento prefacial de Napoleão Mendes de Almeida. **Textos e Debates**, Boa Vista, n. 29, p. 27-41, jan./jun. 2016.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 9. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.
- PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. As linguísticas discursivas. *In*: **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparativa à pragmática. Tradução M. R. Gregolin et al. São Paulo: Claraluz, 2006. p. 191-214.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Tradução brasileira: Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2002.
- SALGADO, Solyany Soares. Ciência Linguística: da origem saussureana ao percurso sociolinguístico. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 100, mensal, p. 93-99, set. 2009.
- NAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TRINDADE, Ana Paula Silva Vieira. **Uma análise funcionalista das orações pseudorrelativas modalizadoras**. 2014. 241f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014.